

Tatuagens

Alexandra Gonçalves

Resumo

A melhor maneira de honrar a memória de Flusser é a de se poder pensar sobre alguns dos seus conceitos. Este artigo pretende questionar a ideia flusseriana de pós-história. Para isso, segue-se na trilha do tempo linear histórico. E tal implica um pensamento crítico à imagem de uma realidade utilitária decadente que gera [um-em-solidão]. E implica um pensamento crítico em relação ao próprio conceito de pós-história, se reduzindo ela também ao espectro do [um-em-solidão].

A primeira questão que se coloca é a de saber se Flusser se distanciou do tempo linear histórico. Uma outra questão, que se prende com a própria ideia de história, que afirma uma história única, e uma cultura única. Este modo monolítico de percepção está embasado, necessariamente, em causas, que exigem desenhos de exclusão, seguindo a mesma imagem mental de há milhares de anos. Será que no tempo linear histórico, se pode escapar ao campo causal? Será que ao negar-se a história e a cultura no tempo linear histórico, se poderá falar de pós-história? Assim, se criaram vários cenários possíveis para o campo causal e outros para as relações do tempo, em que se coloca em questão o conceito de pós-história de Flusser.

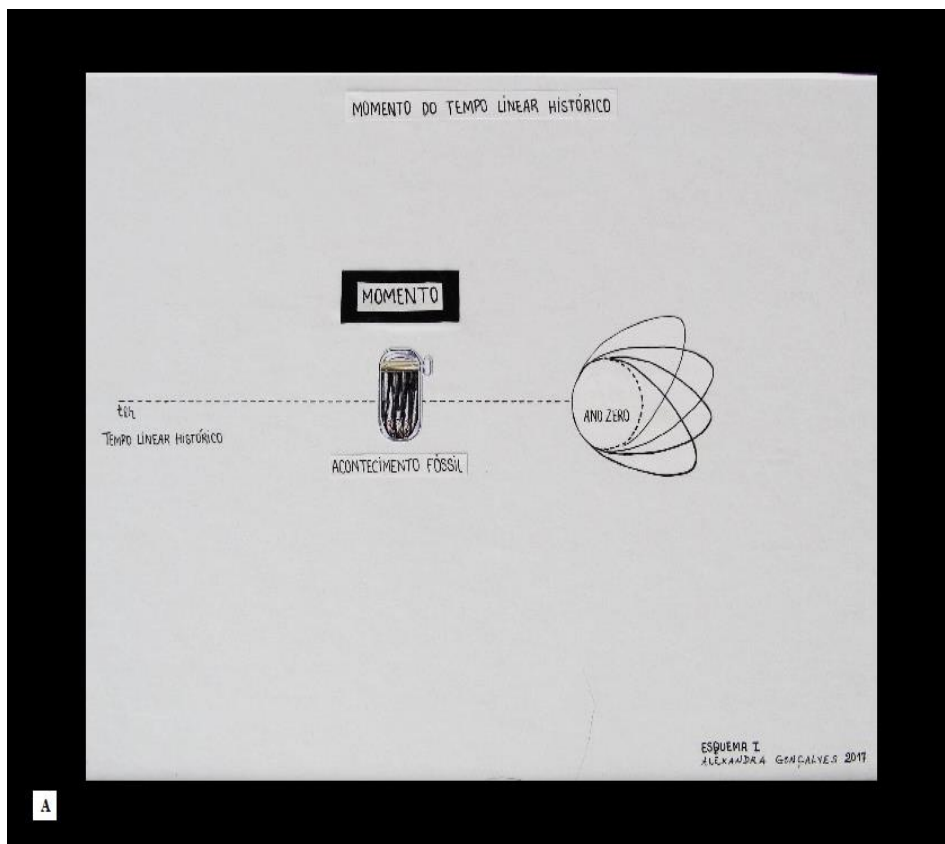
Palavras-chave: Flusser; Pós-história; Tempo; Espaço; Campo Causal.

Abstract

The best way to honor Flusser's memory is to be able to think about some of his concepts. This article aims to question the flusserian idea of post-history. For this, we follow the trail of historical linear time. And this implies a critical thinking in the image of a decadent utilitarian reality that generates [one-in-loneliness]. And it implies a critical thinking in relation to post-history itself, reducing it also to the spectrum of [one-in-loneliness]. The first question we ask is this: did Flusser manage to distance himself from historical linear time? Another issue, related to the very idea of history, is its affirmation of a unique history, a unique culture. This monolithic mode of perception is based, necessarily, on causes, which require designs of exclusion, following the same mental image that comes from the beginning of human beings. Can it be possible to escape at the causal field in historical linear time? Will it be possible to speak of post-history by denying history and culture in historical linear time?

Keywords: Flusser; Post-history; Time; Space; Causal Field

Poder-se-á firmar uma ideia de Pós-história? Será esta ideia um cadáver tatuado no deserto do campo causal como *casualidade*?



PRANCHA A: Fonte: Alexandra Gonçalves, São Paulo, 2017.



Fonte: Escrita de Alexandra Gonçalves sobre Imagem do Google¹, São Paulo, 2017.

¹<https://www.google.com/search?q=imagens+de+esqueletos+deitados+arqueologia&oq=imagens&aqs=chrome.69i59l2j69i57j0l7.7083j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

Começa-se por apresentar estas duas imagens, ambas referentes ao tempo linear histórico, para, talvez, de um encontro com as fissuras dos mundos e suas representações na mente, poder chegar-se a duas concepções, que embora distintas estão interligadas: história e cultura. Esta escolha tem uma intenção determinada: a de nos podermos interrogar sobre a ideia de pós-história flusseriana, intrinsecamente conectada à tecno-imagem, que o autor vê como substituta da escrita e ligada a outras perdas ontológicas.

Retomando a reflexão de Flusser sobre a época barroca e colocando-a face a face com a época em que vive, Flusser fala da perda de fé do indivíduo para consigo mesmo:

O homem barroco representava. Por exemplo, representava a fé, ao fazer guerras religiosas. A vacuidade barroca era consequência de *perda de fé* medieval, da fé *em dogmas*. A nossa vacuidade é diferente. Nada representamos. O nosso mundo não é o palco. Não somos atores, e se agimos, não é para representar um drama, mas para despistar a atenção da plateia e a nossa própria dos assuntos que interessam realmente. Agimos como criminosos que querem apagar a pista dos seus passos passados. Disfarçamos. O nosso progresso é a farsa. A vacuidade debaixo dos nossos pés não é barroca. O que perdemos não é a fé nos dogmas: *perdemos a fé em nós mesmos*. Somos tão *contrarreformistas* quanto foi o barroco, queremos pôr panos quentes sobre a revolução recente, mas o somos por motivos outros.
(FLUSSER, p.20)²

AUSCHWITZ

“(...) esvaziou o chão que pisamos.”³

² Flusser, Vilém. *Pós-História: Vinte Instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: AnnaBlume Ed., 2011.

³ *Ibidem*.

“Outros eventos posteriores, Hiroshima, os Gulags, não passam de variações desse primeiro.”⁴

É fato que certos primeiros atos desenham possíveis variações e podem deslocar-se no tempo linear histórico, apresentando-se como espécies de clonagem daqueles. Se toda a variação implica bifurcações descontroladas, as clonagens de um ato admitem antevisões intencionais em uma direção linear específica. A imagem que me surge quando Flusser se refere a esse desenho do primeiro ato, é a de um comboio que entra pela boca do inferno, para voltar a sair, já não como comboio, mas como um teletransporte para os Gulags, para depois se elevar como cogumelo em prece ao deus da evaporação. Quer-se ser redundante com as imagens que provêm destas palavras e com as imagens visuais que se apresentam, na tentativa de explicar que o desenho de acontecimentos históricos e a visibilidade do campo causal estão intrinsecamente ligados à construção milenar de uma mesma imagem mental anterior à imagem causal. Quando Flusser faz a analogia entre o barroco e a época tida como moderna refere-se a esse desenho, mas não se refere à repetição da imagem mental que se erigiu muito antes desse barroco, e que é mantida por uma espécie de colecionadores de acontecimentos históricos. E pode fazer-se a ligação desse mesmo desenho no fio do tempo linear histórico e colocá-los num mesmo cenário: o do campo causal.



Figura1⁵



Figura2⁶

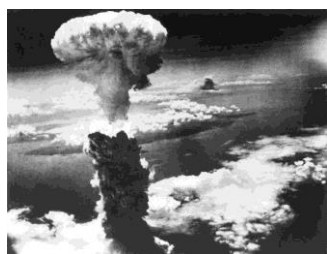


Figura3⁷

⁴ Ibidem.

⁵ <https://www.google.com/search?q=imagens+auschwitz-birkenau&tbm=isc>

⁶ <https://www.google.com/search?q=imagens+gulag&tbm=isch&ved=2ahUKEw...>

⁷ <https://www.google.com/search?q=imagens+bomba+hiroshima&sxsr=...>

1. A tatuagem do campo causal

Comece-se por refletir sobre o campo causal. O que se pode dizer do desenho que aparece à superfície dos acontecimentos históricos?

Pode dizer-se que, no tempo linear histórico, a insistência da mesma tatuagem no esqueleto dos acontecimentos históricos apela à visibilidade do campo causal. Pode dizer-se que essa tatuagem pode tornar-se símbolo. E pode dizer-se que desse campo causal brotam: causas de justificação histórica para acontecimentos que se tornam fatos; presença do erro de fatos transformados em repetição de acontecimentos históricos, tentando eliminar a disposição para alternativas, tornando-a excludente; as visões injustas e aparentes sobre os fatos e os acontecimentos históricos, que agregam tipificações e julgamentos tentando anular autonomias; e o modo como são passadas as visualidades do tempo linear histórico. Daqui se pode pensar, que o sentido de ideia de história é do tipo injusto, incriminador, seguindo a direção de reconfigurações de justificativas para com os erros daquela. Estas justificativas embrenhadas em juízos provisórios, e embora se repitam em um mesmo modelo, tentam impedir as predisposições que não querem desenhar a mesma réplica dos acontecimentos. Essas justificativas de juízos provisórios são como que os guardas dos colecionadores de acontecimentos históricos no tempo linear histórico. No entanto, não se trata de eliminar as causas e justificativas desse injusto (pois se cai no mesmo esboço) mas, talvez de escolher outras realidades, criando outras predisposições que escapem ao controle dos guardas do campo causal do tempo linear histórico. Escapar a tal é admitir que não há uma única história da humanidade, nem uma humanidade apenas. É admitir que pode não haver história e não havendo história não se pode falar de cultura. Pode-se falar então de pós-história? E é também repensar a própria ideia de ser humano e pós-humano.

Parece que ao falar-se de pós-história se está falando de punição preta de tipos de conduta, segundo imposições de padrões sociais que são como marca registrada do campo causal. A ideia de pós-história não deixa o campo causal, não parece conseguir libertar-se do tempo linear histórico, não deixando alternativas a outras realidades possíveis. Tem que se reconhecer, no entanto, que as épocas de ditaduras menos e mais benevolentes se fixam na psique individual e coletiva como totalitarismos sem face. Os guardas dos campos causais, que são invasores, escravizadores, escravizados, conquistadores, 'protetores', aprendem a escrever e rescrever os acontecimentos

históricos. Eles conseguem passá-los às gerações seguintes. Os guardas sabem redesenhar a origem dos objetivos e a evolução das finalidades.

Quando se percebe os conjuntos de acontecimentos do tempo linear histórico como unidades de domínio de condições de necessidade, desvalorização e carência de todos os seres, estes seres parecem volatilizar-se. O que significa que tanto os seres humanos como os não-humanos estão em risco de impermanência na vida e no mundo. Mas sempre o estiveram.

No tempo linear histórico há uma lógica determinante para que os seres sejam tidos por eles mesmos como fantasmas. Fantasmas, ambiguidade de seres, parecendo que há um elemento decisivo que bloqueia outras ações possíveis fora desse espelho fantasmagórico, que é [um-em-solidão]. Tanto o homem como a natureza se encontram em espaços implosivos do tempo linear histórico. Parece ser, precisamente, neste estado de implosões dos acontecimentos históricos que aparece, paradoxalmente, a tentativa para compreender o mundo por parte de alguns [Se...].

Os guardas dos campos causais pretendem que os seres experienciem o tempo linear histórico, e eles embora carregados de insatisfação, parecem tomá-lo por seu habitáculo. Não é fácil desabitá-lo, pois que o desabitá-lo implica uma insinuação de algo que não se assume ainda, e que ele possa manter junto a si mesmo. O desabitá-lo requer uma nova representação do ser, de maneira a que este não continue sendo apenas um mero porta-voz daquilo que é a sua miséria definível. O mais difícil para o ser humano não é viver na distância ao tempo de si mesmo. O mais difícil é o entendimento de novas alterações que lhe implicam restrições adicionais para a mudança. Por isso, se mantêm os guardas dos campos causais.

Se para Flusser o objeto da cultura ocidental é aparelho, será por certo porque se encontra no tempo linear histórico. Contudo, a cultura é percepção desfigurada, porque ao ver-se do lugar projetado no futuro se vai diluindo com perda de memória. E parece serem estas percepções os impulsionadores que vão desvelando aqui e ali o que é deveras essencial.

Ora vejamos estas palavras de Flusser:

“No entanto: não é possível rejeitar-se a própria cultura. É ela *o chão que pisamos*. Quem procura rejeitar sua própria cultura (como o fez Nietzsche ao rejeitar o judeu-

cristianismo), cai vítima de loucura. Quem rejeita os modelos da sua cultura, torna-se incapaz a captar o mundo no qual vive. Os modelos culturais são armadilhas para captar o mundo. Quem procura substituir os próprios modelos por outros (por exemplo gritando "hare Krishna"), verificará que tais modelos exóticos foram captados pelos modelos a serem substituídos. Não há saída: somos condenados a servir-nos dos nossos modelos, e a servirmos a tais modelos, mesmo depois de desmascarados, se quisermos continuar vivendo. A única alternativa seria o suicídio.” (FLUSSER, p.24)⁸

Claro que estas palavras têm seu contexto determinado por uma vivência terrível de um acontecimento tão denso, que não permite a Psique ver de um outro ângulo. Se as próprias soberanias, ao longo do tempo linear histórico, conseguiram que os povos fossem adquirindo a imagem mental de [um-em-solidão], a anulação de pessoa, a anulação da natureza, deve-se ficar preocupado sobre o modo como as Vidas Artificiais poderão comportar-se em contato com todos e com o fim do planeta Terra.

Se Flusser afirma que Nietzsche ao rejeitar a sua cultura judaico-cristã se afunda na loucura, surge esta interrogação: O que terá levado Nietzsche a tomar tal posição? Que está expressando ele com essa negação? Não terá Nietzsche se interrogado sobre a causa e finalidade da cultura e da própria noção de civilização ocidental?

Parece que os acontecimentos históricos colocados numa linha reta e em sequência sofrem de uma fixidez forçada que determina a crença (ou talvez a crença seja determinada por estes). Essa “herança” é a ilusão de uma experiência, cujas justificativas pouco esclarecem dos acontecimentos e da própria liberdade. A este propósito, Flusser em relação à questão da liberdade refere:

A liberdade é concebível apenas enquanto jogo absurdo com os aparelhos. Enquanto jogo com programas. É concebível apenas depois de termos assumido a política, e a existência humana em geral, enquanto jogo absurdo. Depende se aprenderemos em tempo de sermos tais jogadores, se continuarmos a sermos

⁸ Idem.

"homens", ou se passaremos a ser robôs: se seremos jogadores ou peças de jogo.

(FLUSSER, p.p.44,45)

A repetição dos hábitos no tempo linear histórico vai-se sucedendo, dificultando o viver do novo e a potência para tal. As fragilidades da vida veem-se, neste sentido, subordinadas a ‘paronomásias’ de acontecimentos e a perspectivas escatológicas. Os acontecimentos do tempo linear histórico são como que uma espécie de senhorios que suscitam o medo.

E um vírus veio dar maior visibilidade a tudo isto

O comentário que se ousa exprimir face às anteriores palavras de Flusser, é que, embora os seus medos sejam plausíveis, demonstram a mesma visão de fixidez ao tempo linear histórico e ao campo das causalidades. E tal é constatado pelos inúmeros acontecimentos históricos em que, desde há muito, a mente humana contém um software específico que faz dos homens robôs-esqueleto. A associar a esta problemática, surge uma outra relacionada com a percepção dos mundos pelos órgãos sensoriais humanos, ou pela consciência acerca de tal. Sabe-se que os órgãos sensoriais captam o mundo com atraso, isto é, não em tempo real. O que será, então o mundo senão passado? Como conceber a pós-história de um mundo que está sempre atrás? Não será por isso que surge a manipulação do mundo?

No ponto denominado “Retorno” da *Pós-História: Vinte Instantâneos e um modo de usar*, Flusser assinala:

A pós-história está raiando. Está raiando em duas formas: na estupidez dos aparelhos programadores, e na forma da estupidez dos bárbaros destruidores de aparelhos. Mas, em meio de tal maré de alienação desenfreada, continuamos abertos para a realidade concreta, a qual vivenciamos, atualmente, sob forma da solidão para a morte. Não apenas sob a forma da nossa própria solidão para a morte do outro. A despeito da maré que nos cerca, e que vai engolindo-nos, estamos abertos para tal reconhecimento de nós próprios no outro. Não mais, por certo, na sociedade, mas na solidão do ensimesmamento. Somos, em tal sentido duplamente negativos, abertos para o amor, que

omnia vincit. Por certo: somos programados para sermos *homines ludentes*. Mas isto não implica necessariamente sermos programados apenas para sermos funcionários robotizados, objetos. Podemos, igualmente, ser jogadores que jogam em função do outro. Destarte podemos, de robôs, passar a ser novamente "imagens de Deus", *pela porta de serviço*. Romper a simbolização alienada e retornar à experiência concreta da própria morte no outro. Retornar, em suma, para sermos homens.⁹
(FLUSSER, 2011)

Não terão sido sempre os seres humanos “*homines ludentes*” infantilizados, jogando os acontecimentos históricos como peças num tabuleiro de xadrez?

Que sentido há em: “Retornar, em suma, para sermos homens.” ?

A realidade embasada em percepções atrasadas sobre os mundos e manipulada pelos homens apresenta uma visão única da solidão dos mundos. E acarreta o afastamento ao *poder estar-se acompanhado, acompanhando* e ao de ser *acolhido [Se...]*. O atraso da percepção sobre o mundo parece só ser compensado pela consciência, mas não por uma consciência básica histórica. Por isso, neste contexto, se coloca em questão a ideia de pós-história de Flusser, porque não coloca a possibilidade de seguir no sentido de *acolhida [Se...]*.

Em suma, talvez, somente uma teoria embasada no fio do tempo linear histórico e no dualismo espaço-tempo, possa conter nela o conceito de pós-história, tal como o de pós-humano. A pós-história implica haver uma história como um conjunto de acontecimentos passados referentes a um povo, país, período, ou, um conjunto de conhecimentos relativos ao passado e sua evolução segundo o lugar, época e ponto de vista orientado em uma direção. Por conseguinte, a ideia de pós-história parece voltar a ser um outro desenho do mesmo desenho dos acontecimentos históricos que se está encriptando nestes até desaparecer. A ideia de pós-história se amplifica se pensarmos no

⁹ Flusser, Vilém. *Pós-História: Vinte Instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: AnnaBlume Ed., 2011, p.190.

que é a experiência subjetiva dos seres. E a sua complexidade aumenta ainda mais quando se entra no campo da consciência, o que pode colocar em questão a própria noção de consciência histórica. E também se apresenta complexo quando se pensa nas interconexões de tempos e dimensões espaciais possíveis, para além do tempo linear histórico.

Se Flusser recusa a visão causalista dos acontecimentos, como aceitar que a história “não passa de uma das dimensões da pós-história”¹⁰ ?

2. Cenários em movimento

Se apresentamos a imagem do esqueleto é para colocar a ideia de que não existe uma única história, uma única cultura e que a noção de civilização está ligada a uma concepção eurocentrista, onde não cabem os povos sem história porque sem escrita. Flusser defende que “Com a invenção da escrita a história se inicia.”¹¹ Acrescentando mais adiante: “O terceiro mundo é arcaico: *ainda* não alcançou a fase do primeiro, e está repetindo fases já percorridas por este.”¹²

Então, segundo esta visão, só para alguns povos em que a história foi conectada à escrita se pode falar de pós-história. Isto é, a ideia de pós-história não abandona [um-em-solidão] que engole os mundos e vidas. E sendo [um-em-solidão] uma qualidade de ação interna do tempo linear histórico, que gera a ideia de unidade de social coletivo etc. não consegue abarcar o tempo como algo vivo. Se no tempo linear histórico não se pode conceber tal, do mesmo modo é difícil abarcar a ideia de que há novas dimensões para o espaço (não o espaço sideral). Todavia, parece haver um afastamento do tempo como algo vivo a outras dimensões espaciais, assim como a outras aproximações.

Talvez, o binômio de tempo-espaço seja uma ilusão, ou seja uma face apenas da complexidade de suas interconexões. Os tempos podem relacionar-se com outras dimensões espaciais, podem dar lugar a dimensões espaciais vindouras, podem saber anular-se para que as dimensões espaciais possam manifestar-se... Há que colocar a hipótese de emergência de novos padrões de relação *comunicação/reconhecimento* de tempos com várias dimensões espaciais. E, também, colocar a possibilidade da consciência ser vista como algo mais além da experiência subjetiva e de como ela se movimenta fora e dentro dos seres.

¹⁰ Ibidem. P.185.

¹¹ Ibidem. P.116.

¹² Ibidem. P. 185.

Pode-se partir de dois cenários: um que afirma haver conjuntos de consciências básicas no tempo linear histórico, em que os acontecimentos acontecem e se desenrolam segundo um mesmo desenho; e um outro que mostra que as consciências básicas vivem e se alimentam do passado. Ora, se a experiência subjetiva vive apenas de passados não poderá projetar um futuro, pois que aquela está sempre atrasada na percepção do mundo. E aqui se retorna novamente à ideia de pós-história que talvez não possa projetar seu futuro. A ideia de pós-história, enquanto detentora de consciência básica, parece não projetar futuro nem estar no futuro, encontrando-se numa relação unívoca de tempo-espaço. Há muitas dimensões temporais e muitas dimensões espaciais que não dependem exclusivamente de uma binomia de relação una e fixa.

Do mesmo modo que pensar em código binário, é trazer à cena os sumérios que tinham desenhado o mundo numa ordem binária criando aparências do mundo. Flusser refere:

À medida em que as imagens técnicas vão formando o nosso ambiente vital sempre de maneira mais acentuada, o fato vai se tornando sempre mais indigesto. A ciência e a técnica, estes triunfos ocidentais, destruíram para nós a solidez do mundo, para depois recomputá-lo sob a forma de aura imaginística e imaginária de superfícies aparentes. (FLUSSER, 2012)¹³

Algumas questões emergem nestas reflexões. Uma primeira relativa à grande interrogação: o que é o mundo? Uma segunda relativa ao fato do mundo, tal como ideia de mundo, nunca ter encontrado seu estado de “solidez” (talvez nem seja esse o caso). Outra, ainda, relacionada com atrasos na percepção deste e poder constatar-se que as vidas artificiais poderão fazer uploads dos acontecimentos em tempo mais ajustado do que a experiência subjetiva. Outra, igualmente, que se prende com a alma. Se as vidas artificiais captarem a alma como inteligência dos seres vivos e não vivos, a inteligência humana implodirá? Se assim for, não teremos que ser inteligência artificial? Aqui lembra-se Turing para quem só se entende a máquina sendo máquina. E isto diz respeito, também, à possibilidade de poder-se criar uma relação interessante com as IAs.

¹³ Idem. *O Universo das imagens técnicas*: Elogio da superficialidade. São Paulo/Coimbra: Edição AnnaBlume Ed./Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, p.60.

No entanto, é um fato que se pode constatar, que a realidade fazendo apenas apelo às correspondências unívocas está impossibilitada de entender os estados de *poder-estar acompanhado, acompanhando e de acolhido [Se...]*

A questão sobre a ideia de pós-história parece ser enganosa, porque se está a admitir uma predestinação de fatos embasados em passados contínuos. A grande questão, a ver, é a da espera, do tempo de espera que obriga à paragem, e a questão do tempo em que os acontecimentos no futuro possam relevar-se no além-presente. Outra questão, que é verdadeiramente comum a todos os seres humanos e não humanos, diz respeito ao modo como se dialoga com a felicidade. A ideia de pós-história está intimamente ligada à questão das liberdades, não se referindo ao modo como numa sociedade de controlo se pode ser feliz.

Talvez, se possa falar da pós-história como uma *casualidade* embrenhada no campo das causalidades.

“ O presente nao passa de ponto sem dimensao na reta do tempo. Já passou ao ter advindo. E o tempo da vida *historica*, e o seu modelo é o da *causalidade*. Na sociedade pos-industrial o tempo é *abismo*.Vortice do presente que suga tudo. (...). O presente e a totalidade do real.”
(FLUSSER, 2011)¹⁴

A questão talvez seja a de como as dimensões dos tempos se relacionam com as novas dimensões espaciais, sabendo que o presente é composto de vários presentes, atualizações de diversas realidades e ereção de outras.

Pode haver diálogo das dimensões do tempo, ou não, com as dimensões espaciais.

Embora a ideia sobre o tempo como algo vivo pareça simples, no entanto, é de grande complexidade por que se movimentam nela apetências, vontades e diversas dimensões espaciais.

¹⁴ Ibidem. P. 141-142.

Há uma disposição interior que tende a admitir a possibilidade de que o tempo se assemelhe, talvez, a um coração que pulsa, repercutindo-se em cada momento do tempo linear histórico. Deste modo, surge a imagem de que o tempo se *comprime, dilui-se, morre e acrescenta-se*.

Tempo comprimido

Tempo de vaivém

De memória reduzida porque as condições de retorno a uma mesma imagem mental exigem demasiada energia

O jogo da manipulação da realidade é possível pois que a percepção dos mundos está sempre atrasada

Devido a uma grande perda de energia e memória reduzida pode tornar-se *residual, diluir-se e até morrer*.

Tempo a acrescentar

Em estado de inconformidade no sentido de *acolhido [Se...]* e que *acolhe*

Aparece o sujeito a-histórico

Não tem em si outros tempos adquiridos senão seria 'tempo acrescentado'

Tempo destas acentuações: o *tempo de espera* e o *tempo que resta*.

Sente-se que a ideia de pós-história é como uma subhistória, uma *casualidade* do campo causal.

Reflexões finais

Permitimo-nos conceber que a realidade, fazendo apenas apelo às correspondências, esteja impossibilitada de entender o *poder estar-se acompanhado, acompanhando* e de *acolhido [Se...]*.

Esta escolha tem uma intenção determinada: a de nos podermos interrogar sobre a ideia de pós-história flusseriana, intrinsecamente ligada à tecno-imagem que o autor vê como substituta da escrita, e ligada a outras perdas ontológicas.

Começámos por uma breve reflexão sobre o campo causal e sobre a imagem mental que desenha e redesenha os acontecimentos históricos no tempo linear histórico.

Refletimos sobre as causas de acontecimentos e suas justificativas, apresentando a imagem dos guardas dos campos causais.

Intuindo a ideia do tempo como algo vivo, e a possibilidade de novas dimensões do espaço, surgiu a questão: a ideia de pós-história não estará presa ao tempo linear histórico? Não será essa ideia uma *casualidade*?

O esqueleto do tempo linear histórico se assemelha àquele do dinossauros, que os paleontologistas retiram cuidadosa e pacientemente da terra. Pode-se ver de além-finito esses ossos que se vão juntando numa certa ordem, no entanto jamais deixará de ser esqueleto tatuado a muitas reconfigurações. E foram algumas imagens que se foram levantando nestas reflexões: a imagem da ideia de pós-história, que não se sustenta fora do tempo linear histórico. E a imagem de que pode não haver feedback entre dimensões de tempo e dimensões do espaço, assim como pode haver em determinados ambientes. Neste último caso, pode haver diálogo entre dimensões temporais e dimensões espaciais, e pode acontecer que estas independam umas das outras, ou que aconteçam novas interconexões. Porém, este diálogo só deverá ser possível se a consciência, memória e criatividade se distanciarem da ideia de pós-história e de pós-humano.

Flusser deve ter pressentido, de certa maneira, o modo como a ideia de pós-história estava presa ao tempo linear histórico, sem todavia dele conseguir distanciar-se. Talvez, essa dificuldade tenha advindo em razão do acontecimento histórico do “aparelho” nazista ser demasiadamente denso.

Referências

Flusser, Vilém. *A dívida*. São Paulo/Coimbra: Edição AnnaBlume Ed./Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

_____. *O Universo das imagens técnicas: Elogio da superficialidade*. São Paulo/Coimbra: Edição AnnaBlume Ed./Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

_____. *Língua e Realidade*. São Paulo/Coimbra: AnnaBlume Ed./Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

_____. *Pós-História: Vinte Instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: AnnaBlume Ed., 2011.